

## Os altos e baixos na indústria

Vendas do setor industrial do Rio de Janeiro

Janeiro a agosto de 1997, contra igual período do ano passado

### EM QUEDA

Setor	Variação
Alimentos	-19,2%
Têxtil	-15,9%
Perfumaria	-11,7%
Bens de consumo	-9,3%
Vestuário e calçados	-6,3%

### EM CRESCIMENTO

Mecânico	52,48%
Bens de Produção	24,5%
Material Elétrico	23,0%
Material de Transporte	17,3%
Químico	16,1%

Fonte: Firjan

## Produção em alta

A projeção de crescimento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) é de um crescimento de 1,5% na produção industrial em agosto (em julho, o IBGE registrou queda de 1,3%). "É uma bobagem falar em recessão com indústrias tão importantes como as de aço e papelão ondulado em crescimento", dispara o economista Paulo Mansur Levy, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea). "Antes se reclamava que o país não investia. Não dá para consumir e investir ao mesmo tempo", diz.

Apesar de representar um dos ramos mais afetados pela desaceleração da economia, o empresário Arthur Sendas, presidente da Associação Comercial do Rio, não vê o quadro atual como de recessão: "As vendas nos supermercados têm crescido menos (0,7% em agosto), mas ninguém esperava que o consumo continuasse a crescer na velocidade inicial do Plano Real." Ele projeta uma alta de 0,5% para as vendas dos supermercados este mês e espera um Natal um pouco melhor que o de 1996, com crescimento de 1% a 2% no volume das vendas.

No Rio, a indústria se desacelerou em agosto, com as vendas encolhendo 2,66% com relação a julho. A queda maior foi na indústria de bens de consumo (-5,76%), mas atingiu até mesmo os bens de produção (-0,30%).

No acumulado do ano, as vendas da indústria de bens de consumo caíram 9,3%, ao passo que as de bens de produção deram um salto de 24,5% de acordo com a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan).

Os economistas esperam que esses investimentos reflitam na geração de empregos, o que aumentaria a renda e levaria no futuro a uma aceleração das indústrias de consumo. Na velocidade atual, entretanto, isso pode não ocorrer. "Hoje se produz cada vez mais com menos gente. Para gerar empregos hoje, é preciso crescer 6% a 7%", diz o economista Francisco de Assis, ex-superintendente do IBGE, hoje diretor do Banco Marka.

Até agora, os números do desemprego comprovam a tese. Apesar do crescimento dos investimentos, a taxa de desemprego do IBGE manteve-se praticamente estável em agosto (ligeira queda, de 5,97% para 5,95% da população economicamente ativa).

"Um crescimento de 3% a 4% não é uma recessão, mas é medíocre. O país precisaria de taxas em torno de 7% para que haja uma melhoria nas condições de vida da população. Mas isso não é possível agora, devido às contas externas", afirma o economista Alberto Furguém, ex-diretor do Banco Central (BC) e membro do Conselho de Políticas Econômicas da Associação Comercial do Rio.

Se crescer mais, o país vai importar mais, elevando o déficit nas contas externas (comércio, serviços, remessas de lucros etc.) previsto em US\$ 33 bilhões este ano. "O bom no movimento atual é que alguns setores que estão crescendo podem impulsionar as exportações, indicando que o país está no caminho certo para sair da armadilha das contas externas", diz Paulo Mansur, do Ipea.